

GEOGRAFÍA Y CULTURA VISUAL. LOS USOS DE LAS IMÁGENES EN LAS REFLEXIONES SOBRE EL ESPACIO. **LOIS, Carla; HOLLMAN, Verónica (Orgs.). Rosario: Prohistoria Ediciones; UNR, 2013. 441p.**

A Geografia é uma disciplina visual? Sem hesitar por um segundo, muitos estudiosos e estudantes da área de Geografia darão uma resposta afirmativa. Geógrafos lidam com mapas para visualizar, paisagens para ler, lugares para sentir e territórios para demarcar o espaço. Ponto final. Tenho certeza de ter esquecido outras categorias geográficas supostamente visualizadoras. Geografia e visão estão indissociáveis. Portanto, há um problema nessa ideia da visualidade. Os livros didáticos abundam em imagens, mapas, fotografias e gravuras, mas a maioria desses recursos permanece sem aproveitamento. Muitas publicações discutem a produção do espaço, mas carecem de uma linguagem visual. Falar da Geografia como disciplina do olhar se limita frequentemente ao discurso e não contempla a prática e a interpretação.

A coletânea *Geografia e cultura visual* representa um subsídio valioso para repensar essa situação. Mapas, fotografias, gravuras, gráficos e outros recursos visuais não são apenas meios para “fazer Geografia”, mas também podem ser objetos e temas de pesquisa.

As cientistas sociais argentinas Carla Lois e Verónica Hollman indicam possíveis caminhos interdisciplinares e inovadores para esse desafio. Na interseção entre culturas visuais e práticas espaciais, os mais diversos registros visuais, desde cartões postais e fotografias até mapas e documentários, merecem a nossa atenção, porque de uma forma ou outra têm uma influência significativa na construção de espaços, lugares, regiões e territórios e os seus respectivos imaginários, tanto no passado como no presente.

Carla e Verónica juntaram 17 autores argentinos (na verdade são 15 mulheres e dois homens) de áreas as mais diversas como a Geografia, Educação, História, História das Artes, Ciências Naturais, Antropologia, Sociologia e Arquitetura para refletir sobre a dimensão geográfica das imagens. O resultado é uma coletânea de 16 capítulos, dividida em quatro seções temáticas: a Geografia escolar e ensino do e pelo visual; as formas da nação e suas geografias imaginadas; Geografia, entretenimento e culturas de consumo; as imagens como registro científico em trabalhos geográficos.

No primeiro ensaio da coletânea, Inés Dussel investiga o material textual e visual que a Argentina apresentou nas Exposições Universais entre 1867 e 1900. Uma ênfase especial é dada às seções escolares que mostravam os métodos e conteúdos do sistema educacional nacional para destacar a “dignidade” da educação e seu papel como um “farol” da civilização e modernização.

O segundo capítulo, de Verónica Hollman, é uma análise do “corpo visual” em livros didáticos, revistas e manuais da geografia escolar em determinados momentos históricos na Argentina. Hollman estabelece uma conexão entre o passado e o presente através de depoimentos de alunos e professores e salienta o papel e a importância da geografia escolar para ensinar a olhar e ler imagens.

María Maura Meaca, por sua vez, discute como problemas ambientais podem ser apresentados visualmente na sala de aula. O documentário “Uma verdade inconveniente” do ex-vice-presidente americano Al Gore que aborda o problema das mudanças climáticas e do aquecimento global é usado como exemplo para indicar o potencial didático das imagens móveis para a “alfabetização” visual.

O ensaio de Guillermo Velázquez e Andrea Veja inicia a segunda parte da coletânea sobre imagens geográficas e a representação do território nacional na Argentina. Ao reconstruir mapas dos censos nacionais entre 1869 e 2001, os autores mostram como dados estatísticos são espacializados por meio de conjuntos de imagens como mapas, gravuras e fotografias que geram diferentes formas de organizar, ordenar e visualizar o país.

Irina Podgorny apresenta um estudo de caso histórico na interface entre Geografia, Antropologia e Museologia para apontar as tensões entre instituições de pesquisa e ensino na Argentina. Para essa finalidade, ela analisa o sistema de regionalização da autoria do geógrafo Enrique Delachaux (1908) e seu impacto para a organização de coleções antropológicas no começo do século XX.

O pan-americanismo e as políticas de representação visual na exposição universal de Buffalo (1901) são a temática abordada por Perla Zusman. A autora analisa as imagens do pavilhão argentino e revela as “zonas de contato” entre os Estados Unidos e os países latino-americanos e os respectivos discursos e estratégias visuais de mostrar um país como avançado e desenvolvido.

O capítulo seguinte aborda a imaginação geográfica nacional recodificada em mapas mentais da Argentina. Carla Lois coletou 700 desenhos de pessoas entre 8 e 76 anos para estudar as formas, os conteúdos e as mensagens geopolíticas nessas representações (carto)gráficas que, na sua diversidade, vão além de um senso geográfico comum.

Fernando Williams apresenta um retrato dos colonizadores do País de Gales no Vale do Rio Chubut na Patagônia na segunda metade do século XIX e no começo do século XX a partir dos seus registros cartográficos e fotográficos. O autor afirma que a casa e a escola como lugares de identidade revelam as tensões entre a cultura local e o discurso nacional.

A terceira parte do livro reúne quatro ensaios sobre temas variados como imaginação turística, mapas históricos e meteorológicos e filmes documentários. Claudia Troncoso levanta a questão sobre o poder das imagens para estudos sobre o turismo: o que imagens dizem sobre um lugar? A autora analisa registros visuais de panfletos turísticos da Quebrada de Humahuaca no Noroeste da Argentina (entre 1990-2000) e conclui que essas imagens não apenas servem como representações visuais, mas também como modelos para imitar, reproduzir e conservar a paisagem.

Em seguida, María José Doiny lê nas entrelinhas de mapas meteorológicos publicados em jornais argentinos entre o final dos anos 60

do século passado e 2009, apontando diferentes estratégias gráficas para representar fenômenos visíveis e invisíveis do tempo e do clima.

Alejandra Rodríguez, por sua vez, investiga o filme mudo “El último malón” (“O último ataque”) de 1917 que, como mistura de ficção e documentário, relata os acontecimentos da revolta dos índios mocoví na Província de Santa Fé em 1904, combinando aspectos históricos com discursos políticos e melodrama.

A coleção do historiador Pedro de Angelis (1784-1859) é tema de estudo para Teresa Zweifel que reflete sobre a autenticidade de mapas da região do Rio da Prata. A autora argumenta que tanto reproduções como originais de mapas do século XIX contribuem para a memória e história cartográfica da Argentina e que ainda existem muitas “histórias” para serem contadas.

A última parte da coletânea trata das imagens como registros científicos. No primeiro ensaio dessa seção, Marta Penhos analisa os textos e as imagens que os membros da expedição do navio *Beagle*, inclusive Charles Darwin, produziram sobre a geografia e da população da Terra do Fogo durante a sua viagem entre 1826 e 1836. Penhos destaca a complementariedade entre a ciência e a estética e a percepção e a representação nesses relatos.

Malena Mazzitelli Matricchio reflete sobre a produção de cartas topográficas nos anos 40 do século XX que podem ser vistas como exemplos da construção de uma cultura topográfica visual na Argentina. Com base no trabalho do cartógrafo José Luis Alegría, a autora discute diversas representações cartográficas que incluem diferentes pontos de mirada e fotografias da paisagem.

O penúltimo capítulo do livro trata das tensões entre o discurso do projeto de implantação da rede argentina de telégrafos no fim do século XIX e as dificuldades encontradas no trabalho de campo. Marina Rieznik revela a incompatibilidade entre o idealismo cartográfico e a compressão espaço-tempo nos seus mapas e diagramas no papel e a lentidão de executar essa obra na prática.

A coletânea se encerra com um relato pessoal de Graciela Silvestri sobre uma expedição científico-cultural que a autora realizou pelos rios Paraná e Paraguai em 2008, seguindo os passos do aventureiro

alemão Ulrich Schmidl (1510-1579). Nas suas reflexões, Silvestri reconstrói o passado da América Latina pela lente da história dos dois rios, desde a presença indígena e a chegada dos primeiros europeus até a recente Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA) e indica que em cada época havia distintas formas de ver, usar e transformar o ambiente fluvial.

Geografía y Cultura Visual é uma coletânea complexa e densa de ensaios que abordam uma vasta gama de aspectos da cultura visual na Argentina no passado e no presente, desde relatos de viagem e mapas, fotografias e filmes históricos até a aprendizagem do olhar no ensino de geografia. A obra inspira, sugere e convida para pesquisar mais sobre a cultura visual e suas geografias. A impressionante bibliografia de mais do que 500 referências é atualizada e contém muitas obras internacionais. Diante dessa riqueza de fontes, pode-se perdoar o descuido de ter omitido as fontes de algumas das citações. Nem todas as obras mencionadas no texto constam na bibliografia.

Em conclusão, essa coletânea de textos acessíveis e cativantes serve como referência para pesquisar a cultura visual na América Latina. Quem sabe se a obra não será um estímulo para abordar essa temática no contexto brasileiro. Afinal, a Geografia é sim visual.

Resenha por Jörn Seemann

Universidade Regional do Cariri